



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Travessia Warao: Livro-reportagem sobre a imigração indígena venezuelana para o Brasil¹

Tainá ARAGÃO²
Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

Resumo

O presente trabalho é um resumo de um livro-reportagem contado em travessia- entre os abrigos de refugiados indígenas em Boa Vista e Pacaraima. Os Aidamos, líderes\conselheiros do povo Warao são os protagonistas desse enredo migratório e partir deles, pode-se extrair o sentimento compartilhado de ter que caminhar em busca do novo. De novas oportunidades, novos caminhos, culturas, e significados no país estrangeiro. Ressignificando assim, o modo de existir Warao por meio de uma narrativa híbrida e dialógica, refletindo o viver, o querer e o sonhar das massas populares excluídas na circunstâncias de um processo migratório, e exprimindo-se em linguagem e códigos que são um desafio ao já vigoroso campo da Folkcomunicação.

Palavras-chave: comunicação, abrigos, Warao, Aidamos, Folkcomunicação.

O Movimento Warao

Até chegar ao Brasil os Warao percorreram um trajeto para além do físico, de mover-se de um lugar a outro, mas principalmente um caminho histórico de invisibilização e falta de serviços públicos, que ocasionaram na incorporação do nomadismo ou semi-nomadismo na identidade desse povo.

Para entender a imigração Warao é importante conhecer sua história. A imigração Warao não começou em 2015, mas sim, em meados do século passado, resultado da violência física e simbólica com a implantação de mega projetos de desenvolvimento no território indígena. Desde os tempos de ditadura no país, por meio

¹ Trabalho apresentado no GP GT 5: Cultura, Meio Ambiente e Ancestralidade na XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Graduanda de comunicação Social-Jornalismo da UFRR e jornalista do portal Somos Migrantes, email: tainacolita@hotmail.com.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

da barragem do rio Manamo, construída em 1965 que provocou uma inundação e alterou consideravelmente a vida tradicional da etnia, e por o cultivo do ocumo chino em substituição aos buritizais, inserido na região desde 1950.

Aliado a falta de autogestão de algumas comunidades, que não conseguiram se adaptar ao mundo *criollo*³ e a nova organização social tida através da revolução bolivariana, que em termos impunha um novo modelo de organização comunitária, distante daquele praticado por milênios pelas comunidades indígenas.

Dentro deste contexto, é importante ressaltar que a imigração não é algo natural desse povo, mas é resultado da violência que provocou a busca de sobrevivência em outros ambientes. Essa adaptação os configura como semi-nomâdes, pois, mesmo migrando com periodicidade para outras regiões a maioria deles voltam para seu território de origem levando insumos básicos para o restante da família que por algum acaso não conseguiram fazer o trajeto de partida.

Segundo o Aidamo Paulo García que mora no abrigo para refugiados Warao em Boa Vista desde 27 de dezembro de 2016, mesmo migrando com integrantes da família, parte dos familiares ainda continuam no território tradicional à espera de ajuda. “Eu deixei minha mãe doente e meu pai na Venezuela, eu não sei como está lá, eles querem vir também, agora eu não sei nada da minha família, não tenho agora para trazerem eles para cá. Mas um dia vou trazer”.

Conforme o Parecer técnico do Ministério Público Federal lançado no início de 2017, que estuda a situação migratória de venezuelanos(as) no Brasil e, em particular, a dos indígenas Warao, esse grupo, é um dos poucos entre os povos indígenas do período de colonização espanhola que não foram conquistados nem submetidos -na sua totalidade- ao regime de missões.

Isto se deu porque para os missionários era praticamente impossível fundar e manter missões naquelas áreas inundáveis onde eles viviam. “De modo que tinham que transferir os Warao de suas áreas de origem para outras com mais terra firme. Por esse motivo, somente uma pequena parte das comunidades da etnia esteve envolvida em empreendimentos missionários”.

³ Se refere ao mundo não-indígena no espanhol



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Esse dado diz muito sobre a resistência cultural Warao, linguística e ritualisticamente falando. Os Warao conservam o idioma, existem muitos entre eles, os mais antigos, principalmente, que não falam espanhol, não por se recusarem, mas por estarem imersos plenamente em sua cultura. As novas gerações igualmente falam o idioma indígena, mas com o bilinguismo espanhol-warao, contribuindo como fator decisivo na preservação cultural originária.

O movimento\emigração Warao para outras localidades próximas do Delta se iniciou em 1950, quando houve a inserção de empreendimentos que substituíam os buritizais, a vida aos poucos iam tomando outras formas. Dez anos depois, em 1960 eles foram considerados dependentes de recursos e empregos externos para a manutenção da vida comunitária.

Somente em 1990 houve o início migração mais intensa para os espaços urbanos, ainda dentro da Venezuela. Derivado de um impulso petroleiro que a região habitada pelos Waraos foi sendo tomada. Isso marcou, e marca até hoje a cultura imposta de migrar. Ser nômade é um construto histórico de violência que invisibilizou e fez com que a cultura indígena warao tivesse que se recriar. Se recriar para resistir.

Segundo Marcelo Zero, em seu texto “Para entender a Venezuela”, na década de 50 do século passado, a Venezuela já havia se convertido no segundo produtor e no primeiro exportador mundial de petróleo. Também é pontuado que atualmente o país é o portador da maior reserva provada de petróleo do mundo. São 298,3 bilhões de barris, ou 17,5% de todo o petróleo do mundo.

Esse fato justifica, em termos, a aguda crise que assola a Venezuela e o bloqueio econômico que os Estados Unidos está impondo ao país, bloqueio denunciado ano passado pelo presidente da PDVSA, Eulógio Del Pino, numa reunião com trabalhadores, transmitida pelo canal estatal Venezuelana de Televisão (VTV) e divulgado pelo portal Luso.

“Os nossos pagamentos são bloqueados. Temos que fazer um turismo financeiro. Temos que ir à Chinna. Temos que fazer triangulações financeiras já que eles [Estados Unidos], de facto, estão a aplicar um bloqueio financeiro à nossa pátria”.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Nos anos que se seguiram os indígenas de Delta foram se estabelecendo nos espaços urbanos de Tucupita, La Horqueta, San Félix, Barrancas, Maturín, Valência e Maracaibo. Sempre em busca de desenvolver suas atividades tradicionais. No estudo realizado pelo Centro de Investigaciones Sociales da Venezuela, se apontou Índices de Condiciones de Vida do povo Warao em meados de 2008.

É ressaltado que a população Warao foi excluída secularmente de investimentos públicos, e por isso, apresenta inúmeras de deficiências para otimizar a economia tradicional e também interagir com o *criollo* das comunidades não-indígenas próximas: “La población Warao ha sido incluida por relaciones de mercado que dan espacio al nacimiento de necesidades de consumo antes inexistentes que introducen tensión entre estos valores y los valores tradicionales. Así, se observa que los Warao son un grupo minoritario fuertemente excluido de la ciudadanía nacional, segregado geográficamente, estando fuera de servicios sociales básicos y descapitalizados cultural, social y políticamente”. (p. 11, 2008).

Para ser cidadão, na maioria dos casos, é necessário um processo de padronização dos sujeitos. Talvez, esteja aí a dificuldade de inserir os Warao na sociedade venezuelana, enquanto cidadãos que usufruam dos serviços públicos. Por sua diversidade e território com considerável dificuldade de acesso, a inclusão para essa comunidade deve ser pensada a partir da diferença, tendo como primordial o respeito a origem e expressões culturais.

Por isso, o semi-nomadismo, ou o nomadismo propriamente dito tenha se incorporado na cultura e identidade dos Warao. Uma forma que eles encontraram e todavia encontram de acessar serviços e ter acesso ao bem-estar mínimo. Ainda na pesquisa realizada pelo Centro de Investigaciones, é ressaltado que entre as comunidades pertencentes a etnia Warao existe uma dissonância de desenvolvimento e acesso a serviços públicos, bem como diferentes níveis de organização comunitária:

“Aquellas que son estables y con una determinada densidad poblacional, representando un polo de desarrollo dentro de los caños. Por ejemplo, Nabasanuka, Bonoina, Winikina o Isla Misteriosa. Aquellas estables en caño con una menor densidad poblacional pero con formas y potenciales de autogestión. Incluimos acá poblaciones como Kuarejoro, Wakajara de la Horqueta, Sakoinoko y Muaina”. (p.19, 2008)



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Esse dado cria uma tensão entre as comunidades Warao, pois aquelas comunidades que possuem mais capacidade de autogestão e autonomia frente ao estado, conseguem de certa maneira, permanecer em suas comunidades, exercendo e recebendo serviços públicos diferenciados. Já, aquelas comunidades com um maior número de integrantes que emigraram, ficam à mercê de seguir imigrando, pois, a comunidade não possui uma organização que os permita ressignificar o espaço de origem.

Assim, a imigração das comunidades menos assistidas ocorre rumo às periferias e margens dos espaços urbanos e exercícios laborais. A cidade de Tucupita, cidade mais próxima das comunidades, inicialmente, é a que mais recebe os assentamentos de famílias Warao que emigram geralmente com todos os integrantes da família. Com a instalação das famílias em espaços irregulares, a busca por trabalhos informais é a alternativa para uma melhor condição de sobre vivência no lugar desconhecido.

Waraos no Brasil

No Brasil, desde 2015, começou-se a notar a presença dos indígenas Warao em Pacaraima e Boa Vista, com a crise venezuelana que se aguçou após a morte do ex presidente Hugo Chávez. Com a queda no preço dos barris, bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos e a inflação que cresce diariamente, os serviços públicos começaram a decair consideravelmente, gerando, a emigração em massa de venezuelanos indígenas e não indígenas.

Para chegar ao Brasil, os Warao percorrem um longo trecho: “uma parte uvial e uma parte rodoviária. Tucupita é o ponto de partida da maioria, que lá chegam por via uvial e de lá continuam por rodovia. Há distâncias fluviais que demandam até dois dias de deslocamento para se chegar a Tucupita. A partir de Tucupita até a última cidade Venezuelana, que é Santa Elena de Uairén, levam mais um dia”. O trajeto completo representa cerca de 925 km. Já no Brasil, os Warao que chegam a Boa Vista a partir de Pacaraima fazem a trajetória ao longo de três dias de caminhada exaustiva.

Assim, imigração começou a ser percebida com maior intensidade, a partir da presença dos indígenas warao. Seja pelos ornamentos, pelas cores destoantes que se



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

diferem dos indígenas brasileiros habitantes do extremo norte. Mas o que mais chamou a atenção foi o aglomerado de famílias que começou a morar em vias públicas em Boa Vista e Pacaraima. Principalmente, na feira do Passarão, local de comércio localizado em uma das principais avenidas da capital de Roraima.

A ocupação da rua como morada, e também como forma de subsistência através de pedidos de doações nos sinais provocou a população roraimense uma comoção, e por outro lado, com a mesma ou maior intensidade um incômodo, o desprezo e atos de preconceito com esse povo que a pouco se instalava na cidade.

Para Pe. Jesus, líder da igreja católica em Pacaraima e coordenador do Centro Pastoral do Migrante, entidade religiosa que se dedica a distribuir alimentos diariamente para os venezuelanos, a imigração vem tomando várias formas desde o seu início.

“No primeiro momento para Pacaraima foi maravilhoso, o preço cresceu, o comércio se desenvolveu. Houve uma receptividade e uma acolhida para essas pessoas que chegavam. Mas depois do primeiro ano, acabaram as vendas espetaculares e começaram a se deslocar famílias indígenas sem os mesmos recursos. A cidade começou a mudar de atitude”.

O Padre faz uma referência bíblica para classificar os três tipos de posturas que os brasileiros vêm tomando frente a questão migratória no estado. A primeira se refere ao bom samaritano “O bom samaritano ajuda sem olhar a quem, pois se identifica enquanto ser humano com o outro”. A segunda postura é do Pilatos, “Lava as mãos. Não quer saber nada, ‘não é o meu problema’, ‘voltem para o seu lugar’”. Segundo o padre existe uma terceira postura, a do maligno: “Esse é o espírito da xenofobia que diz: ‘Crucifiquem-o’, ‘Esmaguem-o’”.

As posturas descritas vagaram por vários meses, sem rumo e também de forma híbrida entre si, até que em 09 de dezembro de 2016, houve uma tentativa de deportação coletiva, por parte do governo Estadual de 450 Waraos que ocupavam o Passarão, sob a justificativa inicial de não possuírem a documentação necessária. Essa tentativa não efetivada por impedimento da Defensoria Pública da União em Roraima e empenho de alguns professores do curso de relações internacionais da Universidade Federal de Roraima.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Com o impedimento e a volta de grande parte dos indígenas que passaram por essa tentativa de deportação, o governo foi obrigado a tomar uma postura para minimizar a situação de rua dos indígenas. Assim, foi criado no final de dezembro de 2016 o Centro de Referência aos Imigrantes, no bairro Pintolândia, zona oeste de Boa Vista, que na sua inauguração abrigou um número superior a 200 indígenas.

Em um ano de funcionamento o número triplicou, no final de 2017, segundo dados da Fraternidade Humanitária Internacional, no CRI habitavam um número superior a 560 indígenas Warao. Além disso, em dezembro do mesmo ano foi inaugurado outro abrigo direcionado para os Warao em Pacaraima, município de fronteira que está na porta de entrada da imigração venezuelana no Brasil.

Desde o dia da inauguração, o abrigo chegou na sua lotação máxima, abrigando cerca de 280 pessoas. A iniciativa de instalar o abrigo no município partiu do empenho da Fraternidade com o apoio do ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) o governo municipal e estadual não se prontificaram a abastecer, tampouco, dar qualquer tipo de assistência ao novo abrigo. Somente sederam o espaço, que era um antigo galpão para que as dependências fossem instaladas.

Por falta de assistência governamental, o abrigo se mantém através de doações da sociedade civil organizada, que a principio se vem mostrando insuficiente para atender as famílias que residem no abrigo de Pacaraima, como pontua Irmão. Imer, líder da missão realizada pela Fraternidade Humanitária Internacional, entidade que desde o início da imigração venezuelana se instalou no Estado para dar suporte aos imigrantes e refugiados.

“Nós conseguimos sustentar a missão por oito meses somente com o apoio da sociedade civil. Batendo porta por porta, então se cada um ajudar um pouco, dentro das suas possibilidades é possível garantir uma estadia melhor para essas pessoas”.

Os abrigos tanto de Pacaraima como de Boa Vista são administrados pela Fraternidade internacional desde novembro de 2016, atualmente a corporação vinculada à igreja católica, conta com um corpo de 33 voluntários divididos nos dois espaços para refugiados. Para o Irmão, os Waraos estão além da busca de oportunidades imediatas, eles querem reconstruir suas vidas. “Eles estão colocando a energia em uma nova vida. Mas



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

esse processo de decisão é complicado, porque parte da família deles estão na Venezuela”.

Conclusão

Nas falas dos imigrantes indígenas venezuelanos o que se percebe é que migrar para outro país é um sentimento novo e inaugural para todos. Mesmo com o histórico movimento imposto por mega projetos de desenvolvimento em suas terras, esse povo nunca pensou na possibilidade em deixar o país, até então, quando a crise afetou de forma irreversível os modos de vida Warao.

O ato de migrar se modifica em sentidos para cada um dos migrantes ou refugiados, seja indígenas ou não indígenas. Porém, o fato de estar alheio ao movimento de vida das cidades afastam ainda mais a possibilidade dos indígenas venezuelanos conseguirem a plena autonomia no espaços públicos de Roraima. Como conseguir uma alternativa viável para essa circunstância? Ainda é uma pergunta que paira sobre os projetos de inclusão que estão sendo debatidos nos interiores das universidades e organizações internacionais de apoio aos refúgiados.

Já foram criados centros de venda do artesanato Warao na cidade de Boa Vista, com o lançamento de uma exposição de fotos, relatos de vida na Prelazia, centro histórico da capital de Roraima que perdurou até o final de dezembro. Mas, esse evento não garantiu uma visibilidade que fosse capaz de diminuir os preconceitos advindos da imigração venezuelana.

Nesse estágio que nos encontramos é preciso pensar além-fronteiras, principalmente agora, onde elas aparecem tão difusas entre Pacaraima e Santa Helena, entre Brasil e Venezuela. O que as organizações que estão em contato direto com os venezuelanos nos falam é que precisamos conceber a presença dessa nova população como realidade permanente, não uma passagem rápida pela história do Estado. Tampouco um advento para ser somente estudado, analisado e teorizado em congressos internacionais.

Agora, é irremediável pensar para além das fronteiras instantâneas, é urgente a necessidade de ampliação de projetos de inclusão, mas uma inclusão que emancipe, não



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

somente de assistências voláteis, baseadas na insegurança e inconstâncias governamentais. Esse povo existe, ele está aqui e agora, e não podemos criar barreiras que excluam ou menosprezem.

A comunicação, nesse sentido, tem um papel central na promoção de uma cobertura que minimamente diminua as violências, e que potencialize a ampliação do repertório popular em torno na imigração. A folkcomunicação contribui para a análise de como é possível incluir a cultura popular nas narrativas cotidianas, e de certa maneiras, inserir as demandas das populações excluídas no contexto de discussão.

REFERENCIA

AGUILAR-IDÁÑEZ, J. (2007): **África llora aquí**, GIEMIC-Laboratorio de Sociología Visual, Albacete. Película documental en DVD (Dirección, producción y guion) (2007):Espanha. disponível em <https://vimeo.com/channels/480889/59356137>

BENJAMIM, R. **Folkcomunicação: Da proposta de Luiz Beltrão à Contemporaneidade**. In: Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, ano 5, nº 8 e 9, p. 281-287, jan. e dez. 2008

SERRANO, R. **Narrar con imágenes**. EMPIRIA. Revista de Metodología de Ciencias Sociales. N.o 35, septiembre - diciembre, 2016, pp. 71-104. ISSN: 1139-5737, DOI5.2016.17169

SERANO P. Araceli y ZURDO ALAGUERO, Ángel (2010) **“Investigación social con materiales visuales”** en ARROYO, Millan y SÁDABA, Igor (coord.) Metodología de la Investigación Social: Innovaciones y aplicaciones. Madrid: 2010.

PERUZZO, C. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. Revista Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Manaus



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

_____. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2008.

SIMÕES, G.; CAVALCANTE L. CAMARGO, J. **Resumo Executivo. Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil.** Conselho Nacional de Imigração. Brasília, DF, 2017.